

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e colaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.^{or} Ozorio Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

1.^o ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 32

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os nossos amáveis assignantes que ainda estão em divida, o distincto obsequio de mandarem satisfazer o importe de suas assignaturas, relativamente ao 1.^o semestre vencido já no mez de junho ultimo, e os de fóra podem-n'o fazer por meio de vales do correio. Esperamos que o nosso pedido seja attendido—e pelo correio mandaremos os recibos.

BRAGA

SABBADO 2 DE SETEMBRO DE 1882

AS REFORMAS

Nos circulos mais altos da politica falla-se em que o governo, desejoso de estabelecer uma certa harmonia com os partidos avancados, váe entrar nos caminhos das grandes reformas.—

Não dizemos que não seja até certo ponto engenhoso o expediente; mas affigura-se nos que é serodio e esteril.

Ha dez annos poderia o sr. Fontes ter evitado, por este meio, o incremento audacioso de todos os elementos que hoje se desencadeiam, sob, uma nova fase contra o que ali está estatuido. Poderiam as ideas perigosas que se hão dessiminado em certas camadas ter encontrado uma contradicção um estorvo nas modificações que se houvessem realisado mais em harmonia com as tendencias mais geraes e com as necessidades publicas. Mas o sr. Fontes, e com s. ex.^a outros governos, deixaram prolongarem-se em toda a superficie do paiz as raises da planta daminha; deixaram que o toxico revolucionario, que o calor subversivo da demagogia tomasse a intensidade vulcanica que assumio. Como querem pois agora, por meio de uma reforma, por mais extensa que seja dentro do regimen constitucional, supprir outra reforma, mais profunda, concebida e agasalhada na alma do povo soberano, como que se fora uma religião firme e intransigente?

O plano do gabinete, a nosso ver, tem apenas um effeito certo: é o de significar evidentemente que n'elle não existe a força com que os governos robustos cortam ao

largo no destino dos povos que dominam; antes sim a frouxidão com que se faz uma retirada cobarde deante de um inimigo que avança e cresce.

E se quiserem buscar a synonymia d'esta significação, encontrar-se-ha a grande verdade, sensível, palpavel, scintilante, eloquente de que o systema constitucional está gasto, e como tal é insustentavel, e se acha perdido.

O sr. Fontes fez-se um symbolo; e é assim que o vemos agarrar-se ás goteiras do edificio, em lucta com uma queda mortal, como se viramos sobre o abysmo o arcediogo de Notre Dame impellido pelo Quasimodo hediondo de Victor Hugo.

O povo despoptarizou os governos liberaes, o sr. Fontes pretende assentar-se entre o povo para se popularisar a si proprio. Como porem a todos cabe a sua vez, o povo tem que se despoptarisar tambem, e o sr. Fontes será arrastado na corrente, sem que lhe valha nem o salva-vidas das reformas profundas.

Se o sr. presidente do conselho fazendo-se a nata dos reformadores chega a trocar o seu kip agalado pelo barrete phrygio, pode ser que ainda triumphe a sua elegancia, mas não triumphará por certo o systema actual que a epoca condemna já, pelos tristes resultados que tem produzido, abortada como está a arvore da liberdade n'este solo que repudia.

As reformas do sr. Fontes são demasiado novas para se casarem ás instituições demasiado velhas. As reformas de que carecemos por muito grandes, não podem ser subscriptas por um nome, qualquer que elle seja; só as pôde fazer a propria nação surgindo da sua indifferença caduca. As piramides do Egypto são anonymas, os desenganos do paiz tambem o são; e ambas as coisas são maiores que o sr. Fontes e maiores que a sua obra.

O sr. Fontes entende como Mirabeau que nos transes dificeis, quando se soffrem cruéis alarmes, é mister saber curar todas as invejas e agradar a todas as resistencias.

O symbolo da causa liberal é de chumbo, o symbolo da patria é de ferro, quer o sr. Fontes fundil-os ao fogo de uma scentelha do seu espirito salvador. D'aqui resultará por força que o chumbo ha-de derreter-se e perder as fórmas antes que o ferro se faça vermelho.

Cromwell marcou a transição de Mahomet a Napoleão, o sr. Fontes será com as suas reformas uma ponte lançada do throno á praça publica, pela qual ha-de passar captiva a revolução vencida por ella mesma.

Desenganemo-nos, a situação actual já não soffre concerto. Quanto mais a remendarem, mais feia e inutil parecerá. Revistam de galas a liberdade constitucional encham de pompas a machina administrativa,

mudem os nomes, substituam os homens, mostrem ao povo novas cabeças inspirando a acção previdente do poder moderador; em quanto o povo vir essas cabeças pallidas, vagas, confuzas, ha-de vacilar na penumbra, e ha-de pedir guia, pharol, ao *tu volumus* com que a nação portugueza fundou a sua monarchia e garantio a sua liberdade.

A nação vê que emquanto o sr. Fontes pretence á corôa, não pode o sr. presidente do conselho pretender ao paiz. Ha-de em tudo revelar a força do seu unico pensamento, desenvolvê-la em todos os seus detalhes disfarçal-a em todos os seus mysterios, eleva-la a todas as causas, para descer com ella a todas as consequencias.

Substituido o sr. Fontes, a herança das reformas tocará a quem não poderá fazer nem mais nem tanto. Uma fronteira existe traçada entre as instituições e o paiz. A desesperança deixa soltar do proprio seio o grito da agonia. Só aos grandes sentimentos de um povo cabe pronunciar a palavra decisiva das epocas, essa palavra é aquelle grito, e aquelle grito é uma condemnação.

Ha um contacto glorioso entre o passado e o futuro. As reformas de agora não podem ser mais que o presente. E o presente é curto como um dia de inverno.

Para se passar das nossas instituições para o povo ou do povo para as nossas instituições, é mister esmagar a hydra que lhe está de permeio. Essa hydra tambem se chama devassidão. Nenhum peso a pode destruir, senão o rodar dos carros triumphaes de uma nova geração que se rehabilita e salva.

Nenhuma revolução estudada no augulo de um gabinete poderá conter a cadeia de factos que o destino marca á vida das gerações.

Esta vida tem uma acção natural, instinctivo, poderosa, invensível. E' a corrente que caminha, é a onda que espuma é o fogo que crepita, é a aguia que se eleva, é um elemento que tem o seu movimento proprio o seu fulgor proprio, uma natureza obediente a uma lei, um ser sublime e harmonioso que atrahê, que redime, que combate, que irrompe e que não pára.

O systema actual não tem pois que esperar de nenhum grupo, que pretenda salvar do naufragio o batel que em todas as juntas é invadido por um Oceano de decepções frisantes e de intimos queixumes.

As reformas de que o paiz carece são tão profundas que nem o sr. Fontes, nem nenhum outro alcatruz da actual nora ministerial pode fertilisar as raises da nova planta. O edificio a erguer-se, porque carece de ser solido e duradouro, necessita de alicerces, que não podem ficar á superficie. E' indispensavel afundal-as tanto, que nenhum dos homens já gastos, que nenhum dos par-

tidos já fatigados, poderá abril-os em um solo fragoso e ingrato para elles.

Meditê n'isto o paiz e que sobre as ruinas de uma situação decahida se possa levantar a patria vencedora da nação.

RELIGIÃO

O homem nascido da mulher, diz Job, tem estreito prazo de vida, rodeado de miserias desde o berço ao tumulo. Cresce como a planta, e, reduzido a pó como ella, desaparece como a sombra. Seus dias são breves, caminhando sempre em busca da felicidade, sem nunca a poder encontrar. Já no berço e no collo da mãe, a creancinha com suspiros e gemidos parece que indica um desejo de melhor estado. Somos como as folhas das arvores que vigosas na primavera, desenvolvidas e formosas no ardente estio, amarellas no outono, revolvento-se seccas aos golpes das tempestades, succumbem no frio inverno.

E comtudo na sua curta passagem por este valle de lagrimas, o homem se quer ter alguma ventura, tem a cumprir muitos deveres: deveres para com Deus, seu creador, deveres para com os seus semelhantes e deveres para comsigo mesmo.

Ora, para o mais exacto cumprimento d'estas imposições, que outra coisa pôde concorrer melhor do que a educação?

O homem é como a planta que para dar bons fructos é preciso que se regue, que se monde, que se pôde; do contrario será assoberbada desde principio por plantas parasitas que lhe impediram o desenvolvimento necessario para que possa dar o fructo desejado. Assim é o homem. Precisa desde creancinha de sentimentos solidos, fundados no respeito á Divindade, ao proximo e á sua propria dignidade, sem o que caminhará sem guia pela via dolorosa da vida. Se substituido d'elles se entrega aos vicios e males que estes produzem, não poderá ser um homem amante da sua familia, respeitador das leis que sustentam a sociedade; será simplesmente um representante do mal sobre a terra e como tal semelhante á besta fera, que por onde passa só deixa estragos e ruinas. Mais tarde, quando o dedo mirrado e fatal da morte o ameaça, a sós com os remorsos, vendo d'um lado o mundo que lhe desaparece e do outro um abysmo desconhecido que o espera, o que lhe resta da sua vida continuada de crimes? O desespero; porque muitas vezes, desgraçadamente, nem lhe são allivio as palavras consoladoras do sacerdote que, pelo preço d'uma verdadeira contricção, lhe assegura uma felicidade eterna além da campa.

Este homem passou pela terra como uma tempestade que tudo assola; como um fura-

FOLHETIM

DEUS

AO ILL.^{mo} SNR. G. A. DE CARVALHO

«Fit sortir du néant le ciel, la terre et l'onde.»

Meu Deus, quem ha maior ou vos eguala
Na vossa potestade?...
Respondam todos essas maravilhas
Na sua immensidade.

Nos Céos a lua que fulgura errante
Com seu doce luar,
Cercada como está destas estrellas
De scintillante brilhar;

E todos estes astros que de noite
Se ostentão no espaço,
De esplendor uma vez claro, sereno,
Outra vez turvo, baço;

E o astro rei do dia, que illumina
Alegre a Natureza,
Derramando garboroso fulgor santo
Com tão grata belleza;

Cercado de continuo desta facha
De luzente clarão,
Esse sol, ó meu Deus! que nunca excede
Do limite a rasão;

E na terra a plantinha, o rio, a brisa,
O bosque, o bruto, e o mar,
O homem finalmente e o pensamento
Que até vós sóe voar.

Que revela, Senhor, tudo isto ao homem
A quem dêste o poder
De domar animaes a que só pôde
A intelligencia vencer?!

Que nos diz, ó Senhor, quanto nos cerca
Senão que um Deus existe,
Omnipotente, perfeito, e bom em tudo,
Que por si subsiste?!

Que grandeza infinita! Ao seu aceno
Do nada a immensidade
Creou dos astros, que no Cêo fulguram
Com real magestade.

Creou a terra, o mar, o bruto a planta
E tudo organizado!
Por fim o homem livre, intelligente,
De virtudes ornado.

Quereis vêr seu poder? Observai
Dessas leis do Universo a harmonia,
Que immutaveis, perfeitas sempiternas
A materia inda regem noite e dia.

Em premne lidar a Natureza
Os seres reproduz; sua missão
É dar vida e manter todos os entes
Para manter-se a lei da successão.

Mas o mundo persiste sempre o mesmo,
Sua essencia não muda o Creador;
O fim da Creação só elle o sabe...
Respeitai seus arcanos, viajor.

ACEITAI, FIGAREI CONTENTE.

Offerece.

J. J. Ferreira.

ção que tudo derriba; como um raio que tudo fulmina.

Faltou-lhe nos primeiros annos da sua existencia uma mãe carinhosa que lhe plantasse no coração sentimentos religiosos e de sã moral; que lhe destruisse tudo aquillo que mais tarde podesse ser a sua ruina.

E é a mãe que pertence esta sagrada missão. Das mães depende, na quasi totalidade, a felicidade ou infelicidade dos filhos e da sociedade futura; porque dos bons filhos depende a harmonia e prosperidade das familias, e da boa constituição das familias depende a grandeza moral das nações.

E quantas mães desconhecendo, o amor maternal—dom imprimido pelo Auctor da natureza a todo ser vivente, derivam de si esta missão altamente sympathica? A fera mais cruel e sanguinária não abandona seus filhos enquanto os julga faltos de forças. enquanto os não considera aptos para obterem os meios de realizarem o fim para que foram criados. Defende-os sempre dos perigos, ainda com risco da sua propria vida, e, satisfazendo a todas as suas necessidades, não os abandona sem que estejam no estado de poderem procurar os meios da sua existencia.

A mãe da moderna civilização usa d'outros meios.

Tendo por desdouro o crear seus filhos, entrega-os a uma segunda mãe, quando não é terceira, quarta ou quinta, e d'estas mães que a desgraça as levou a sê-o. Ora, não sendo estas segundas mães boas para seus filhos, como o há-de ser para os das outras? Como é que um innocente, creado por estas mulheres ha-de sentir no coração amor por seus paes naturaes, ser a sua gloria e mais tarde seu amparo? Ignoram porventura estas mães desnaturadas quanto são consoladoras as caricias d'um filho dedicado, quando se virem acabrunhados pelos annos e quasi sempre lutando com a miseria?

Milhares tem havido que no fim da vida têm expirado com lagrimas de sangue o pouco amor e a má educação que deram a seus filhos.

As mães modernas julgam-se rebaixadas da sua dignidade se cumprem as obrigações do seu estado. Dispensando a educação e bem estar da sua familia, transformam a teosoura em leque, o dedal em binoculo e lá vão, arrastando as caudas, penduradas nos braços de seus maridos, umas vezes distraem-se em theatros onde se representam dramas immoraes, outras passar as noites em bailes, onde aceitam palavras e praticam acções bem pouco proprias do seu estado. O theatro mais atrahente, o baile mais agradável deve ser, para uma senhora casada e que se presa de o ser, o lar domestico.

Aquillo que mais deve chamar a attenção d'uma mãe é a educação de seus filhos, pois que d'elles depende todo o bem estar futuro d'elles. E assim é: não ha nada que chegue ao amor d'uma mãe. Mas o que a maior parte das mães não comprehendem é como háo-de manifestar e empregar este amor. Com a menor doença, as mães affligem-se pela sorte de seus filhos, procurando todos os meios de a delubar; se a doença é grave é ver como ella daria a propria vida para salvar o ser das suas entranhas. Mas o homem não tem só a vida material. E' dotado de um espirito que deve ser desenvolvido a par com o corpo. E assim como o corpo para ser robusto precisa de alimento abundante e sadio, tambem a alma precisa dos bons principios da educação civil, scientifica e religiosa para ser forte. Ora se a mãe emprega tanto cuidado em conservar em bom estado o corpo dos filhos, porque não ha-de fazer o mesmo com relação á alma? Ensine desde principio a seus filhos a serem polidos, a serem religiosos, a serem respeitadores; ensine-os a serem economicos, activos e trabalhadores; dê-lhes uma occupação adequada ás suas posses e á classe a que pertence: se assim fizer, lembre-se que mais tarde o filho lhe pagará com usura os seus sacrificios, que não haverá ninguem que a não louve; que será benemerita da patria por lhe ter dado bons cidadãos e por ultimo receberá no outro mundo o premio das virtudes que praticou n'este.

Tavares Garrido.

A TRINDADE BEATISSIMA

(EM 15 D'AGOSTO)

Adoro-te, Deus meu, tres vezes Santo,
No inestimavel dom d'esta memoria
Que, em mim, teu Ser Eterno symbolisa.
Reconheço-te Pae, meu Pae celeste;
Alpha Divino, no principio adoro-te,

Principio sem principio antes dos évos:
Com seu calor qual fogo coexistindo,
Origem clara de fecunda calma.
Adoro-te, meu Pae, que os lyrios vestes
D'um roxo puro que não soube a industria
Fazer brilhar de Salomão no manto;
Que as aves nutres que semear não podem.
No que nos deixas ver que os filhos caros
Não podes olvidar, por quem, do Solio
De tua gloria d'astros guardado,
Mandaste á terra, para libental-os,
O proprio que geraste antes da aurora,
De tua complacência o objecto digno.
Adoro-te, da Fé no dom munifico
Que dá luz á razão, e a guia em meio
Das crassas sombras que proveem da culpa:
Ancião dos tempos, no passado adoro-te,
Do futuro no abysmo, e em meio d'elles,
Nas auras puras do presente dia:
Senhor Deus grande, providente, justo,
Caridade suprema, Ente benigno,
O Ser dos seres, a quem devo a vida;
E, além da vida natural, terrestre,
Da Graça a vida que o Baptismo infunde,
E a vida eterna que, em teu Christo, espero.

Ante teu throno curvo-me submisso
Para louvar-te n'este excelso dia
Em que, dos céos em festival applauso,
Toda-Potente constitues Maria.

O Verbo Eterno, Filho de Deus vivo,
Do Padre a Imagem, candida, fulgente,
Que, no intellecto, te retratas n'alma;
Sol da Justiça, Principe da Gloria,
Pae Sacrosanto do futuro seculo;
No fim dos seculos eu te adoro eterno
Como te adoro n'essa eterna origem,
E hoje te rendo de Latria o culto;
Um Deus na essencia com o Pae e Espirito;
Creador dos orbes que, em preditos tempos,
Irmão dos homens encarnar quizeste,
Passaste a vida prodigando graças,
Perdeste a vida pelos delinquentes,
Salvaste as gentes com teu Sangue puro,
A eterna vida annunciando mortes,
E o fim do mundo no fechar dos seculos.
Anjo Supremo do Conselho magno,
Jesus potente e soffredora Victima!
Humilde, casto, e zelador das almas;
Nossa Esperança da futura vida;
Refugio nosso, e dos fieis Thesouro;
Pastor bondoso, Sapiencia eterna;
Caudão dos Anjos, Mestre dos Apostolos,
Doutor excelso dos Evangelistas;
Força dos frageis, Luz dos confessores;
Laurel dos Santos, Candidez das Virgens;
Luz verdadeira, Filho de Maria,
Eu quero amar-te porque tu creaste-me
Fui concebido entre iniquidades.
Surgindo escravo do dragão, remiste-me;
Cahindo em culpa, me esperaste amante...
Eu quero amar-te... ah! deixa-me que o diga
Jesus, eu te amo... mas, Senhor, piedade
Para este peito que te está patente,
Para esta alma... sneembur de pena,
Eu deveria por meus negros crimes...

Deus perdoe-me e permitti agora
Que a voz unido á dos celestes coros,
N'esta festa que os Anjos enebria,
Nos louve alegre, porque a Virgem pura
Cumulaste hoje de sabedoria.

Chamma Beatissima e Supremo Espirito
Cujo vivo esplendor pôde sómente
Co'a luz moral esclarecer o mundo,
O mundo onde, em afflicção e angustia,
Em mortaes trevas, no delirio, no erro,
Sem ti laboram miserandos homens;
Arida terra, produzir não pode,
Se a não fecunda teu celeste rocio,
Sem teus influxos, saltares fructos,
A flor mais debil, a virtude minima.
Celeste Amor que fecundaste a Virgem,
Amor Divino que inspirar só podes
Santos desejos, esperanças vivas,
Fé, caridade, compunção e a graça,
N'alma, a vontade similhar-te deve;
A caridade é tua imagem propria.
Eu te adoro, Senhor, te glorifico.
Te envio um culto de amorosa prece,
Teu doce auxilio invocando alegre
Na festa magna do presente dia
Que, ao futuro d'esperança, une o passado.
O Bem Eterno, Septiforme Espirito,
Com teus aromas nos desterra d'Alma
De vicios sette emanções nocivas.
Do Pentecostes realidade bella;
Lei dura, outr'ora, se regou na terra
De Deus o Povo, d'Israel progenie,
A Lei do Amor, no coração dos crentes,
Gravar tu sabes em legenda estavel,
Eterno Deus, Paraclito celeste;
Allivio doce no amargor do pranto;
No calor noxio, refrigerio ameno;
Calor vivifico a remissas almas.

Tres vezes genuflexo, eu te bemdigo,
Porque, de todo o empyreo na alegria,
Ao som das harpas, das canções dos Anjos,
D'amor encheste a Divinal Maria.

E vós, Virgem Santa,
De Deus tão amada,
Dos Anjos, dos homens
Rainha coroada;
Da Trindade Augusta,
Ao pobre cantor
Obtendo-lhe força,
Sciencia e amor.

A. C. S. v.

(S. dos F. de Maria.)

MEUS AMIGOS

Está processado o nosso jornal por ordem do sr. Jeronymo Pimentel, governador civil d'este districto.

Fique o publico sabendo que sendo Braga governada pelo já hoje tristemente cele-

bre morgado -de Provezende, o sobrinho, herdeiro e protegido do honrado legitimista José Pinheiro, o genro da respeitavel e virtuosa sr.^a D. Maria Gracinda, foi um jornal catholico e legitimista arrastado aos tribunaes por ordem d'este sr.!

Mas vamos de frente erguida e animo levantado. Nem temamos a ferocidade do sr. Pimentel, nem o odio imbecil do centro que nos decretou a morte.

Aguardamos o dia do julgamento como mais um triumpho para a nossa causa, como mais uma gloria para o nosso partido.

Que a imprensa impia peje todos os dias as suas columnas com tudo quanto ha de mais immundo e perverso contra a religião, as instituições, o rei e as auctoridades; que se fale até contra a devassidão de certas pessoas altamente collocadas, revolvendo as pustulas da sua vida intima; nada d'isto incommoda os homens que perderam o habito de córar!

Mas se fälla um jornal da indole do nosso; que tem a coragem de dizer a verdade ao povo, então fuzile-se, dêem-se ouvidos á voz agoardentada dos larapios e garotos que lutam pelo nosso larapimio e pedem a nossa morte.

Eganam-se! O nosso jornal representa uma idéa que não morre; defende um partido que expulso do poder ha cincoenta annos, conserva intemeratas as suas crenças, puras as suas doutrinas e sem maucha a sua bandeira!

Ao soldado que morre gasto pelos annos de uma vida amargurada vem substituil-o a juventude honrada e nobre, com todo o ardor da sua mocidade, com toda a pureza das suas intenções, com toda a fé na justiça da causa que defende.

De pé legitimistas! Aceitemos o repto que os nossos inimigos com amarga ingratição nos arremessam!

Aceitemos a lueta e promptos para a victoria!

Elles poderão condemnar-nos com o direito da força; mas não vencem com a força o direito que nos assiste, que é a nossa guia e o lema da nossa bandeira.

Tanto mais gloriosa será a victoria, quanto mais dura e cruenta fôr a perseguição.

Que venha! Não a teme quem tem por si Deus, a Patria e o Rei.

Avante legitimistas!

Todo vosso

W.

CORRESPONDENCIA

Villa Verde, 30 d'Agosto de 1882

(Do nosso correspondente)

Na minha rustica simplicidade d'homem do campo, (vá isto sem modestia) julguei vê-me sempre embaraçado em noticiar-lhes, de longe em longe, qualquer coisa, que merecesse as honras da publicação, jámais por ser essa distincção feita cá á pessoa que, sem vislumbre de remoque, não prima demasiado d'alphabeto.

Supuz que ser correspondente d'uma gazeta (como se diz na minha aldeia) era um cargo espinhoso,—que se tinha d'andar sempre de lapis em punho, e de se saber um pouco de tachygraphia—Mas qual!—nada d'isso!

Os assumptos em que o chronista se estenda abundam; é mesmo necessario que elle seja d'um laconismo asceptico, para que hoje se não riam aquelles, que deveriam ter ha muito chorado, que se vá chegando a cada um as precisas.

Emendo,—as precisas não,—porque não haveria ahí jornal que comportasse as indispensaveis zurzidellas, que merecem os meus miseraveis,—tivesse elle o ambito do campo de manobras, ou até o do abdomen do Barboza de Brito.

Se não fosse plagiato iria buscar a comparação á incommensurabilidade do espaço, para dar a idéa do formato do jornal, onde podessem saltar á uma todas as miserias dos meus aquelles.—Em fim vamo-nos aconchegando no cantinho reservado, e piando em termos de caber dentro da Cruz e a Espada, symbolo com que muito devem emberrar os meus heroes.—E pena é, que me parece ter o seu jornal aqui um bom numero d'assignantes, que vão, por certo, desertar com as minhas piadas.

Este mundo é assim. Se um jornal qualquer se lembra de infamar este ou aquelle homem de bem com quatro falsidades torpes, dizendo—que tal tem a boca grande, que recebe quintaes de bacalhau pela porta

do officio, e que tal maroto é a perola d'elles todos,—cresce o numero d'assignaturas na razão directa das offensas que immerecidamente, dirige; mas se pia dos malandros, dos taes salafriarios, e de quem não devêra andar sempre pelas cangostas, e pelos antros das raposas, para poder corrigir qualquer falta por ellas commetida, aí do pobre jornal, que terá de soffrer o destino de qualquer papel velho!

Entretanto, como Deus se não deixa d'americiar dos seus, vamos andando com a nossa cruz, e espadeirando estas azemolas incorrigiveis.

Na administração do concelho já o jornal a Cruz e a Espada não logrará ingresso; terá a mesma sorte do Constituinte.

A repartição está em estado de sitio, as portas fechadas, um athleta defendendo a entrada, com modos d'ennacho na antecâmara do larem d'um sulão, e ninguem se poderá permittir vêr os preguiçosos ouvir lá de dentro sem dar o santo e senha, e receber a contra-senha.

Veremos se descobro os motivos da claudicação mas tenho isso como impossivel, que temo muito comprometter-me com qualquer pergunta, visto que toda a policia secreta anda na alcateia do correspondente, e a sua cabeça a preço, como a de nihilista, que tentasse contra a vida d'um soberano.

Isto aqui é muito sério, muito perigoso, muito melindroso, e muito...nem sei que diga!

Eu não sabia que a federação dos socialistas tinha por aqui ramificação; e por isso deploro a occasião que lh'escrevi a primeira correspondencia, e em que me metti em camiza d'onze varas.

Nunca me devêra importar que houvessem miserias e miseraveis, que as viuas chorassem com a extorsão do dinheiro para apagar a laseira das asemolas, com a irreligiosidade do Pimentel, com o fado d'est'outro, etc., etc. Cada um, ou cada uma, que se deffendesse como melhor podesse; mas eu é que me não devera ter mettido em semilhante meada, para não andar, como me vejo, amarello e definhado, que nem me conheço quando olho o espelho.

Bem quisera agora dizer muita coisa; mas não me atrevo, tal é o terror que se me enfiou na espinha dorsal.

Isto de ter medo é uma coisa horrivel,—paralisa a lingua, prende o braço, não deixa mecher a penna... é d'arrelhar!

E eu, então, que tinha cá umas coisinhas!... Mas, nada, vá de calar, que nada me obriga a alimentar os odios dos que cogitam onde está a coruja.

Tenho tanto que noticiar-lhes, sem bolir nas fistulas chronicas de ninguem, que seria um grave peccado pôr esses assumptos de parte, e ir avivar as pustulas lasarentas com o pesado pinglim.

Por exemplo,—ahí vai uma noticia palpitante d'interesse, e que não offende ninguem:

O Setembro, o mez oberrimo dos fructos, o fanfarrão dos milheirais e do mosto, o faceto que nos prega mil pirraças, que nos codilha para com os senhorios, que nos assoalha a mesquinhez do nosso foyer, que nos dá boleo tremendo ás nossas desconjunctadas mobílias, e que nunca deixará de ser o bem vindo para uns, e o maldito para muitos,—está-nos á porta.

Por uma irrisão da lei, não sei se bem entendida,—talvez,—é esta a época consagrada aos salafriarios da justiça, para soltarem aos quatro ventos, como bem lhes aprouver, os amaldiçoados tostões da faina da colheita d'elles.

Permitte a lei esta folga ao desventurado pária do trabalho, para que recolha os fructos da natureza, sem o estorvo d'aquelles typos;—mas o escarneo lá vem depois, na espoliação de tantas canceiras, para acudir ás mil exigencias de todo o abutre.

Lá vem depois a execução com tres autitos em cada vallado, com cinco caminhos para citar uma só pessoa, com dois autos de praça, e um d'arrematação, no fim,—para ficar o proprio, juros e custas nos antros dos esfaimados, e ainda a bolsa dos constituintes nas unhas dos esgalgados procuradores!

Lá vem o inventario,—como a hyena que fareja o cadaver,—processado no molde elastico da ladroeira, arrancar ao orfão a gleba onde os paes suaram mil gótas, e onde as creancinhas sorriram as suas primeiras ternuras,—deixando aquelles rebentos da desgraça sem abrigo e sem pão!

Mais tarde,—quando a creancinha se transforma em mendigo, e vagueia por essas estradas, a buscar o obulo com que mate a fome,—lembra-se um dia de perguntar,—na sua lacrimosa saudade,—pela cabana ou

de morreram seus paes;—e o abutre indicahelhe, com a ponta da aza negra, o masso de papeis carcomidos, que jaz na estante envolto em poeira, — e diz ao desgraçado: — «a cabana de teus paes, e as leiras onde passaste os primeiros dias, pendente do seio de tua mãe, está tudo ali; mas a busca deve-te custar tantos cruzados.»

O pobresinho recua espavorido, amaldiçoando a lei, e os desalmados interpretes d'ella, que extorque mais ao desventurado que pretende ver um papel velho, que pagou, do que se exige ao millionario por um espectáculo de gala, em S. Carlos!

Que mundo, Deus meu!
Philosophicamente encarando estas coisas, não vejo, por vida minha, que os meus safrarios aproveitem coisa nenhuma d'aquelles autos, d'aquellas citações, e d'aquelles inventarios.

Está na má applicação do dinheiro do indigente a sua maior condemnação, e o seu peor castigo.

Um gasta tudo em bebedeiras, em dissoluções de toda a especie, ficando noites inteiras embullhado no capote inglez pelas encrusilhadas do Pico, pela estrada da Portella, por qualquer tasca, onde acordá aos pios da garça, que lhe annuncia uma correição no cartorio, meio pelo qual o delicado juiz o adverte de que lhe deve a elle, e aos outros empregados, os salarios por elle comidos e bebidos.

Outro é um porco abjecto, em todas as refeições do vicio! Traja umas fardetas de montanhez, camisas de estudante cábula, chapeos que o Leubeira se envergonharia de enterrar na grenha estopenta da doídice, calças que provocam um escarro, e botas que faziam horror a um carreção!

Outro é um parasyta cheio de callos, a gaguejar lamurias a cada bolso onde presente seis vintens, e a cada porta onde não encontra um não. É um pedinte com ares de histrião de feira, encadernado de lentejoulas, e no fundo... um verdadeiro miseravel.

Não posso agora trazer ao proscenio os meus ursos, taes quaes elles são; mas prometto o espectáculo para a primeira chronica.

Tenho ainda que compraser ao seu amavel convite, sobre os repetidos furtos que se tem dado aqui, acobertados por uma negligencia culposa da auctoridade competente, que tem sabido, por certo em familia, d'onde provem o dinheiro de pandegas, de doces e petiscos sem romagens, d'aneis de ouro ao primo e futuro marido, etc. etc., e a que tem feito vista grossa.

As gallinhas foram pennis da maleita, que deitaram tudo a perder!

A fina policia dos eunuchos sahio a campo, e deu-se com parte das gallinhas, e com a raposa.

Não vão julgar, comtudo, que foi algum Argos policial que deu na pista das pennosas... Isso sim! Foi uma creada do roubado que as descobriu, que as reconheceu, e que as fez voltar ao poleiro de seu dono.

Em remuneração do trabalho dos eunuchos, o exm.º dr. Sepulveda deve mandar um peru ao Porfirio, um ganço ao Miguel, e não esquecer uma franguinha ao Sultão.

Y.

CONSELHO DE DISTRICTO

Sessão de 4 de Agosto

(EXTRACTO)

Presidencia do exm.º snr. governador civil Jeronymo da Cunha Pimentel, estando presentes os vogaes Mendonça, Pimenta Junior, Ferreira Almeida, Mendonça Magalhães e Ribeiro de Mello.

Representou o ministerio publico o bacharel Gaspar Pizarro, 1.º official, servindo de secretario geral.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente, foram resolvidos os negocios seguintes:

CONSULTIVOS

Foi o conselho de parecer que estavam nos termos de ser approvados os orçamentos das seguintes corporações, respeitante a 1882-83.

No concelho de Braga, da Senhora do Rosario, da freguezia de Celleiros, e das Almas da freguezia de Nogueiró.

No concelho d'Espozende, de Santo Antonio, e Almas da freguezia de Gemezes.

No concelho de Fafe, das Almas, da freguezia de S. Romão d'Arões; do SS. Sacramento, da freguezia de Silvares; e Senhora do Rosario, freguezia de Serafão.

CONTENCIOSOS

Approvou as seguintes contas:

No concelho de Barcellos, da Senhora da Penha de França, da freguezia de Quirães, dos annos de 1830-31 até 1879-80; e do Menino Deus, da freguezia do Abbade de Neiva, dos annos de 1849-50 até 1879-80.

No concelho de Braga, das Almas de S. Vicente, e Senhora da Torre, dos annos de 1880-81; Almas, da freguezia de Real, de 1881-82; Almas da freguezia de Maximinos, de 1880-81; Senhora das Angustias, da freguezia de S. Victor, de 1877-78 até 1880-81; Santo Amaro, da Sé Primaz, dos annos de 1879-80 e 1880-81.

No concelho de Celorico de Basto, do SS. Sacramento, da freguezia do Rego, dos annos de 1839 até 1880-81.

No concelho d'Espozende, das Almas, e SS. Sacramento, freguezia de Palmeira, dos annos de 1852-53 a 1879-80 e 1871-72 a 1879 80, e da junta de parochia, da freguezia de Gemezes, respeitantes ao 2.º semestre de 1879.

No concelho de Fafe, das juntas de Parochia de Fafe, Cepões e Vinbóz, dos annos de 1869 a 1881.

No concelho de Guimarães; da junta de parochia de S. Sebastião, dos annos de 1874-75 a 1880-81.

No concelho de Lanhoso, da Ordem Terceira de S. Francisco, da freguezia de Thaide, dos annos de 1879 a 80 e 1880 a 81.

No concelho de Famalicão, da junta de parochia de Portella, dos annos de 1878 a 79 a 81.

No concelho de Villa Verde, do SS. Sacramento, da freguezia de Turiz, dos annos de 1841-42 até 1880-81, e Senhora do Rosario, da freguezia de Prado, dos annos de 1866 a 67 até 1880-81.

Não approvou as contas da Subsina, da freguezia de Maximinos, do concelho de Braga.

Attendeu a reclamação dos mezarios da da Senhora do Rosario, da cidade de Guimarães, ácerca das contas da irmandade da mesma Senhora.

Desattendeu por extemporanea a reclamação sobre contas da Senhora da Soledade, da freguezia de Ruivães, do concelho de Famalicão, a Joaquim Antonio Alves.

Deu provimento nos recursos em que são recorrentes, Domingos Francisco e Francisco Ribeiro, da freguezia de Morsatellos, do concelho de Guimarães e recorrida a junta das congruas.

Idem.

Sessão de 18 de Agosto

CONTENCIOSOS

Approvou as seguintes contas:

No concelho de Amares, da irmandade das Almas, da freguezia do Lago, concernentes aos annos de 1876-77 até 1880 81, e SS. Sacramento, da freguezia de Villela, dos annos de 1878-79 a 1880-81.

No concelho de Barcellos, do SS. Sacramento, e Senhora do Rosario, da freguezia de Creixomil, ambas respeitantes a 1830-31 até 1880-81, e das juntas de parochia de Roriz e Queiraz, dos annos de 1872-73 até 1881, e Macieira, relativas a 1855-56 até 1881.

No concelho de Braga, das juntas de parochia das freguezias de Maximinos, e Nogueira e Arcos annexas, estas respeitantes a 1881, e aquellas aos annos de 1878 até 1881.

No concelho d'Espozende, do SS. Sacramento, das freguezias da Gandra, respeitantes a 1858-59 até 1880-81, Apulia, dos annos de 1851-52 até 1880-81, e Forjães, relativas a 1863-64 até 1879-80.

No concelho de Villa Verde, da junta de parochia da freguezia de S. Paio d'Azoe, dos annos de 1875 a 1880, e das Almas, da freguezia de Villa Verde, dos annos de 1852-53 até 1880-81.

Denegou provimento ao recurso do rev.º parochio de Tibães, do concelho de Braga, interposto da decisão da junta do arbitramento das congruas.

Informou para o Supremo Tribunal as proviões ácerca dos recursos de Antonio José Ferreira Caldas, e Antonio Peixoto de Mattos Chaves, do concelho de Guimarães, sobre contribuição industrial.

NOTICIARIO

Senhora do G.—Sahio na 5.ª feira de tarde em precissão a veneravel imagem da Senhora do Ó e S. José, da sua Capella de S. Miguel o Anjo para a igreja de S. Pedro de Maximinos, em vista de se ir proceder á demolição da Capella.

Eram conduzidas em andor e acompanhadas pelas Irmandades da casa e as Almas de S. Pedro, tocando em todo o trajecto a Philharmonica Bracarense.

Hontem houveram missas geraes na mesma Capella, pelas almas de todos que havião sido ali enterrados, sendo de tarde as ossadas conduzidos para o cemiterio publico em carro funerario.

12	DE AGOSTO	82
N.º 29		
A «CRUZ E A ESPADA»		
QUERELLADA		
A redacção curva-se reverente deante de S. Ex.ª, o mui alto, sabio e poderoso senhor d'este cantão chamado out'ora Braccara Augusta dos antigos Cezares.		
Salvè novo Consul!!!		
agradecer		
Ao Ex.º Sr.		

Declaração.—A redacção declara que, o seu esclarecido correspondente em Villa Verde, não teve em vista offender nem milindrar na sua correspondencia do n.º 31—o snr. Machado Rebello, vice-presidente da Camara d'aquelle concelho; pois, tanto o nosso corresponde como a Redacção tem por S. S.ª a maior consideração e respeito pelo seu cavalheirismo e excellentes qualidades de que é dotado—sendo por isso respeitado por todas as pessoas que conhecem a sua nobreza d'alma e exemplar comportamento, assim como de toda a sua illustrada familia.

Romaria do Allivio.—Nos dias 9 e 10 de Setembro tem de realizar-se a grande romaria de Nossa Senhora do Allivio no seu mosteiro, na freguezia de Soutello. No sabbado, durante o dia, duas musicas abrihantarão o arraial e á noite exhibir-se-ha uma bonita colleção de fogo do ar e preso, prolongando-se o arraial com musica até ao entardecer de domingo.

No domingo ao seguinte 17, ha-de celebrar-se com o costumado lusimento a festa da Padroeira havendo até á noite arraial com musica.

Antes assim.—Mallogrou-se felizmente, o duello que se tinha de realizar no dia 31 do mez findo, pelas 4 horas da manhã no jardim de S. João da Ponte, entre um dos redactores do nosso jornal e o celebre correspondente officioso do snr. Governador Civil, para a Lucta do Porto.

Este façanhado correspondente, que implorou de sua alteza a corda para o nosso jornal, é formado em canos e lê pelo breviario das perseguições regeneradoras.

Houve sempre o maior sigillo n'esta pendencia d'honra, sem que a policia tivesse o mais leve conhecimento; porém, quando tudo estava preparado e as espadas afiadas no rebolo do mestre Ze, os padrinhos do nosso collega luctador, dous respeitaveis legitimistas, poderam refrear-lhe o animo, e antepor a Cruz á Espada, visto ser prohibido entre catholicos usar de semilhante meio de desforço—e collocados todos de joelhos deante do symbolo da redempção humana—o demonio desapareceu deixando armas e bagagens. Vistol-o-ir...

Parabens ao nosso collega que se viu livre do demonio.

Acreditem que é verdade?—Todos perguntam. a Cruz e a Espada está, ou não processada: Respondemos; sim, e a requisição do snr. Jeronymo da Cunha Pimentel, governador civil d'este districto—sendo dictado e assignado por S. Ex.ª o officio que foi dirigido ao digno agente do M. P., o Exm.º Snr. Dr. Rodrigo Lobo d'Avilla.

Impossivel! Incrivel!... Nada d'isso, porque o facto é verdadeiro. Ainda mais; o centro regenerador mandou por ordem do mesmo Snr. governador civil, comprar á nossa redacção pelo seu empregado, os jornaes precisos para a formação do auto de corpo de delicto!!!...

Acreditem que é verdade, sendo certo, que é geral a indignação publica, por tão nobre proceder.

Para as caldas de Vizella.—Partiu na 4.ª feira d'esta semana o nosso dedicado

amigo o snr. Joaquim da Silva Gonçalves, illustrado e distincto artista d'esta cidade, em companhia de sua esposa e filhos, aonde se demora por espaço de um mez.

Desejamos-lhes do coração os mais felizes resultados d'aquellas sulphuricas aguas para os seus padecimentos.

Concursos.—está aberto concurso documental até ao dia 8 do corrente mez para provimento das Egrejas parochias de Santa Eulalia de Crespos, Santa Margarida de Louzada, Santa Eulalia da Ordem e S. Salvador de Pedregaes, todas d'este Arcebispo.

Carlos VII.—Temos noticias de Gratz da familia real de Hespanha, com data de 19 de agosto proximo passado.

Em quanto as folhas liberées dão o augusto neto de S. Fernando em Bruxellas, e o cobrem de calumnias para levarem mais uma vez o desprestigio do seu nome ao meio do partido carlista, cada vez mais firme e cheio de esperanza, o rei legitimo de Hespanha, acha-se com sua familia na corte do Imperador Francisco José, sendo alvo da admiração e das obsequiosidades de muitos dos maiores vultos politicos da Europa.

Tambem ali se acha S. A. o snr. Infante D. Affonso de Bourbon e sua augusta esposa, a heroína portugueza, a snr.ª D. Maria das Neves, irmão d'el-rei o snr. D. Miguel II—O snr. D. Carlos é acompanhado tambem por sua augusta mãe a snr.ª archi-duquesa D. Beatriz.

No dia 18, anniversario do Imperador, assistiu a familia real de Hespanha á cerimonia festiva, que houve na Cathedral, occupando uma tribuna reservada.

O snr. D. Carlos achava-se com o snr. Conde de Chambord, rei de França, em Trohsdorff antes de partir para Gratz.

É caso de se dizer:—mais de pressa se apanha um mentiroso do que um coxo.

Os legitimistas em França.—Em o nosso ultimo numero demos noticia da imponente reunião dos principaes legitimistas francezes em Challans.

O que está acontecendo em França depois d'esta reunião significa evidentemente que não houve exageração na noticia que nos transmittiram as folhas francezas.

Foi tal a impressão causada em França pelo numero e qualidade das pessoas reunidas em Challans sob a presidencia do general Charette e do chefe dos legitimistas de Angers, que toda a imprensa republicana de Pariz se levanta em berros contra o partido legitimista, exigindo do governo que sejam instaurados processos contra todos (todos são perto de 4:000) os legitimistas que assistiram áquelle grande banquete.

O jornal *La Petite Republique* pede a união de todos os republicanos em quanto a Republica estiver ameaçada pelos conservadores.

Comunistas.—Ha em toda a França e principalmente em Pariz grande agitação por parte dos communistas. Receia-se de que se prepare um novo golpe como o que enluctou e affligio a França em 1870.—Os indultados da communa celebram todas as noites reuniões secretas, nas quaes discutem e preparam a nova erupção. Affirma-se já publicamente que muito em breve serão estes tentamens uma realidade ruidosa e fatal.

O Governo francez toma já as suas medidas, e toda a França que tem que perder olha para o meio de se salvar da hecatombe.

Ninguém vê outro meio senão o do restabelecimento da monarchia legitima.

Um jornal insuspeito de Pariz, accrescenta á publicação dos elementos de força conhecidos com que contam os communistas, a reflexão de que os trabalhos da conspiração redobram de actividade á proporção que se aproxima a época de se realizar em Pariz a assemblea da federação internacional dos livres-pensadores.

D'aqui os receios que será este o momento de graves acontecimentos, por que se acharão ali reunidos os principaes chefes do partido comunista da França e do estrangeiro.

Ismail-pachá.—Ismail-pachá, o exkhediva do Egipto, encontra-se actualmente em Pariz, e tenciona prolongar ali a sua residencia.

Habita o Grande Hotel, mas alugou na rua Bayardo uma casa que fez mobiliar á oriental, e onde alojou, ha poucos dias, todo o seu harem.

Os lazarentos.—Ha n'esta cidade uma sociedade secreta, que funciona sob o titulo d'esta nossa epigraphe.

Os membros d'esta tenebrosa sociedade, destacam-se a altas horas da noite em ron-

das desfigurando-se, ora em cavalheiros, ora em mendigos, e ora em malsins: traja casaca e luva cor d'oca; capote de esteira, barrêta de junco, cangalhas nos olhos e canudo de lata ao tiracol. (Cartad'ordem).

Espreitam aqui e ali, e se alguém ataca a honra ou milindre do seu senhor e Xarife mór, exclama logo:

Lazarus Lazarus nosso pae! Lazarus, vinga a tua honra offendida!...

Os seus gemidos encontram sempre ecco nas aves nocturnas e o Xarife fica tímido.

Recebemos—O 1.º tomo do excellente livrinho, intitulado—Meditações para todos os dias do anno—por M. Hamon—e traduzido pelo notavel escriptor o Exm.º Sr. Francisco Luiz de Seabra.

Agradecemos tão valiosa offerta á acreditada casa editora do Sr. Ernesto Chadron.

Tambem recebemos 2 volumes da maravilhosa obra—A Paz d'Alma—vertida do francez pelo Exm.º Sr. Conde de Samodães.

Agradecemos ao acreditadissimo editor catholico o sr. José Fructuoso da Fonseca.

Novos jornaes.—Recebemos 1.º n.º da «Republica Portuguesa» e do «Alfacinha», que se publicam em Lisboa.

Agradecemos a troca, e damos-lhes as boas vindas.

Explosão.—Ocorreu um terrivel sinistro na fabrica da polvora das Pedreiras, em Orense (Hespanha).

Foi uma explosão casual, que rebentou no dia 24, ás 4 1/2 horas da tarde, por effeito da inflammção espontanea de algumas materias, produzindo uma detonação de tal força, que se ouviu em todos os povos comprehendidos n'um raio de seis leguas.

O edificio ficou totalmsnte destruido, aruinando-se, tambem, tres casas visinhas. Succumbiram oito operarios, bem como um individuo que passava na rua por occasião do sinistro.

Grande roubo.—O conde Andrassy, antigo ministro dos negocios estrangeiros da Austria, foi recentemente victima de um roubo em Buda-Pesth.

Apesar de que a residencia do conde está situada n'uma das ruas principaes da povoação, os ladrões lançaram uma escada á varanda, e por ella penetraram nos aposentos, durante a noite.

Ignora-se a quanto ascende a importancia total do roubo; entre os objectos, que desappareceram, figuram vinte e sete condecorações, uma d'ellas o Tosão d'ouro; alfaias, preciosidades artisticas, retratos em miniatura do imperador e da imperatriz, com moldura de brilhantes; o retrato do czar Alexandre II, adornado de diamantes, e uma cadeira dourada que pertenceu a Napoleão I.

O conde Andrassy, que se achava com sua familia na Transylvania, regressou precipitadamente a Buda-Pesth.

Internacionalistas.—Outro dia, verificou-se em Lausane (Suissa) uma reunião de internacionalistas francezes.

Foi n'uma taverna denominada «La Fohalle» que se realisou o acto.

O meeting principiou, executando a musica a celebre composição—«A propriedade é um roubo», e, seguidamente, prorompeu-se em gritos de—«Abaixo Deus!» «Abaixo a patria!» «Abaixo os governos!» «Morram os patrões e os burguezes!»

Alguns dos concorrentes protestaram contra estas demonstrações.

Como um individuo pronunciasse um extenso discurso referindo a historia da França, o presidente deliberou prohibir os oradores de que falassem mais de dez minutos.

—Quereis acabar com tudo? proferiu um burguez. Mas o que nos daes em troca?

—Todas as leis são más, por isso mesmo que são leis. Havemos nós refundil-as! (Começa o alvoroço.) Havemos de trazer luz a toda a parte! Na Suissa, como em todos os outros paizes, os burguezes são os ladrões, e os operarios são os explorados! (Redobra o alvoroço.) O orador continua:

—Gritaes assim nas vossas assembleias? ... Pois eu tenho na mão um revolver, e não consentirei similhantes violencias contra mim!

O tumulto augmenta ao rebentarem estas palavras. Um sujeito lança-se á tribuna para estragular o orador.

Restabelecido o silencio, fazem uso da palavra alguns outros individuos, expluindo em frases anagolas ás dos seus antecessores.

Agora nós—

Muito bem; ávante rapaziada do progresso regra de tres e nada mais, e mesmo sem fracções nem quebrados:—Convidae os amigos da Folha Nova, cujo redactor já se feriu com o rosario que trazia no bolso.

O mundo caminha, para onde...

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados, profundamente agradecidos a todas as pessoas que os cumprimentaram e prestaram seus valiosos serviços por occasião do fallecimento e do funeral de sua sempre chorada consorte e mãe, D. Leopoldina Carolina de Mesquita, fallecida na sua residencia da Quinta da Armada, d'esta cidade de Braga, no dia 4 do corrente mez, veem, por este meio, significar-lhes os mais sinceros protestos d'indelevel gratidão.

Braga, 22 d'agosto de 1882.

Dr. Bento Joaquim de Mesquita Pimentel.
P.º Manoel Joaquim de Mesquita Pimentel.
Bento Joaquim de Mesquita.
Maria Benedicta de Mesquita Pimentel.
Leopoldina Carolina de Mesquita.
Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.
José Joaquim de Mesquita Pimentel.
Pedro Joaquim de Mesquita Pimentel.

(68)

Os abaixo assignados agradecem por este meio, em quanto o não fazem pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu sempre chorado marido, irmão sobrinho cunhado e tio, o dr. Manoel Joaquim Penha Fortuna, e o acompanharam ao cemiterio publico; bem como aos dignos ecclesiasticos que gratuitamente disseram missa, e assistiram ao seu funeral; ás corporações, associações e artistas que lhe honraram a memoria com suffragios por sua alma.

Maria Rita da Silva Penha Fortuna,
João Penha,
Maria Candida Penha Lopes Braga,
Maria de Patrocinio Penha Fortuna,
Anna Julia Penha Fortuna,
Amelia Augusta Penha Fortuna,
Emilia Eliza Penha Fortuna,
Delmira Amalia Penha Fortuna,
Maria Carolina Penha Fortuna,
Anna Casimira de Oliveira Braga,
Thereza de Jesus Penha Fortuna,
João Luiz Pipa,
João Antonio de Oliveira Braga,
Antonio José de Oliveira Braga, (ausente)
Rita da Silva da Costa Rebello,
Antonio Maria da Costa Rebello,
Luiz Antonio Lopes Braga.

(65)

ANNUNCIOS

Manoel José da Silva Mello, tendo de mudar a sua residencia para a cidade do Porto vem por este meio, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, despedir-se de todas as pessoas suas amigas, offerendo-lhe ali a sua morada na rua de S. Jeronimo 122, bem assim o seu limitado prestimo.

Braga, 28 de Agosto de 1882.

Editos de 30 dias

Pelo Juizo de Direito da cidade e comarca de Braga, e cartorio do escrivão do 1.º officio do mesmo juizo—Freitas—correm Editos de 30 dias, a contar da publicação do 2.º annuncio no *Diario do Governo*, e n'outros d'esta cidade, citando, requerendo e chamando todas as pessoas incertas que se julguem com algum direito ou acção á quantia de 300\$000 reis que se acha na Caixa Geral de Depositos, producto da arrematação que fez Francisco Gomes da Silva, d'esta cidade de Braga, d'uma morada de casas, sita no largo das Latinhas d'esta mesma cidade, para na 2.ª audiencia d'este juizo, depois de findo o dito praso dedusirem qualquer direito que tenham á mesma, sob pena de ser julgada expurgada de quaesquer onus ou encargos a dita morada de casas, ficando transferido o direito dos credores para o producto

em deposito. Declara-se que as audiencias n'este juizo se fazem ás snegudas e quintas feiras, de cada semana, não sendo dias feriados ou sanctificados, porque sendo-o se fazem nos dias immediatos no Tribunal Judicial, d'esta cidade de Braga, por 10 horas da manhã. Leva um sello de 10 reis.

Braga 17 de Agosto de 1882.

O Escrivão

José Firmino da Costa Freitas

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Adriano Carneiro de Sampaio.

(66)

Francisco Martins da Silva Araujo, da rua da Cruz de Pedra, d'esta cidade, faz publico para todos os effeitos legais, que seu irmão José Maria Martins da Silva, se acha á muito tempo no deploravel estado de demencia, e por isso inhibido de poder encarregar-se de qualquer venda de objectos ou de outro qualquer negocio—pelo que, desde já declara, em vista do estado em que se acha, que senão responsabiliza por cousa alguma respeitante a quaes quer objectos para vender, empenhar, ou de que fór encarregado por qualquer forma.

E para que ninguem allegue ignorancia de futuro faz o presente annuncio, retirando por esta forma de si toda e qualquer responsabilidade.

Braga, 29 de agosto 1882.

Francisco Martins da Silva Araujo.

Photographia Bracarense

RUA DA BOA-VISTA N.º 34

Tiram-se retratos com toda a perfeição, em diferentes gostos e tamanhos.

A VISO

Os gerentes da nova caza penhorista Bracarense, sita na rua dos sapateiros, n.º 9, previne os snrs. mutuarios, que tenham penhores nesta caza, e estejam em debidade mais de tres mezes, para que os venham resgatar ou pagar seus juros, isto até ao dia 15 do proximo mez de setembro; do contrario serão considerados em abandono, e vendidos a quem mais dér.

(63)

Compra-se

Toda a porção que apparecer de feijão branco, vermelho e amarello, e vinho fervido.

Rua de S. João n.º 9—Braga.
(58)

VENDA DE CASA

Vende-se uma morada de casas, que accomoda uma familia, tendo um bom quintal, com arvores de fructa e vinho, produzindo já tres pipas d'este liquido, e agua de lima e bica com seu tanque para lavar e regar; não tendo dominio directo sendo emphyteuta.

Este predio é situado na rua nova de Santa Cruz, proximo aos Piões, e junto á linha americana, designado pelos numeros 4, 4 A e 4 B.

Quem pretender comprar este predio, entender-se-ha com seu dono, morador na mesma casa, ou na rua de Nossa Se-

nhora de Guadalupe n.º 4. Declara-se que se porventura ao comprador fizer melhor conta ficar com a maior parte do seu valôr na razão do juro legal e com hypotheca no mesmo predio, o poderá fazer.

COLLEGIO

DE S. BENTO

LARGO DE SANTO AGOSTINHO N.º 8

BRAGA

Abriu-se este novo estabelecimento de educação e ensino, para crianças do sexo masculino.

Admitte desde já alumnos internos, semi-internos e externos, para as diversas disciplinas que n'elle se hão-de cursar, as quaes serão confiadas a pessoas competentes.

Para informações e programmas, dirigir-se ao director.

(50) Bento Desiderio Peixoto Querido.

HOTEL LUZO BRAZILEIRO

PRAÇA DO BARÃO DE S. MARTINHO

Proximo ao Passeio Publico

BRAGA

Este novo Hotel decentemente mobilado, offerece aos Ex.ºs Snrs. Hospedes, as commodidades precisas tanto em aceio como em limpezas, por preços muito rasoaveis.

O PROPRIETARIO, Almeida Maya.

Venda de casa

Vende-se uma morada de casas situada na Cruz de Pedra, n.º 52, ou arrenda-se desde já. Tem bons commodos, excellente quintal, e agua de poço com bomba.

No caso de venda pode ficar o comprador com dous terços do dinheiro a juro de 5 por cento.

Trata-se na redacção d'este jornal.

ACABA DE SAHIR Á LUZ:

URGENTE NECESSIDADE

DE

UMA CRUZADA

PARA A

LIBERTAÇÃO DO SUMMO PONTIFICE

POR

D. JOSÉ MARIA CARULLA

Advogado do Illustre Collegio de Madrid e director da *Civilisacion*

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA

POR

Antonio Mesquita

Antigo alumno do curso triennial de theologia no Seminario do Porto, jornalista, professor d'ensino livre, etc.

Summario das Materias

Carta do auctor ao traductor—Traducção da carta do auctor ao traductor—Dedicatória—Capitulo I. Introducção—Capitulo II. O Papado e o poder temporal dos Summos Pontifices—Capitulo III. A lei das garantias—Capitulo IV. Pio IX e Leão XIII—Capitulo V. A Italia e os «italianissimos»—Capitulo VI. Justificação da Cruzada—Capitulo VII. Possibilidade da Cruzada—Capitulo VIII. Dificuldades da Cruzada e indicações do que póde fazer-se para vncel-as—Capitulo IX. Excitação á Cruzada—Capitulo X. Conclusão—Nota do traductor.

1 vol. do 270 paginas.... 400 reis
Pelo correio.....fi. 425 »

J. J. de Mesquita Pimentel—Editor
51, Rua de D. Pedro, 53—Porto.

Typographia Lealdade—Rua de Jano N.º 4.